

**17-20.3.22**

Queer Açores  
Queer Açores  
Queer Açores  
**Queer Açores**



**ciclo de cinema queer  
norte-americano**

**Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas  
Teatro Ribeiragrandense  
Ribeira Grande, São Miguel**

[www.queerlisboa.pt](http://www.queerlisboa.pt)



# Queer Açores ciclo de cinema queer norte-americano

## Calendário de sessões

**quinta-feira, 17 março, 18h30**

**Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas**

*Cured* (EUA, 2020, 80'), de Patrick Sammon, Bennett Singer  
+ Debate sobre saúde mental e comunidade LGBTQI+, com a participação de Joana Amen e Mariana Bettencourt

**sexta-feira, 18 março, 18h30**

**Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas**

Apresentação do Ciclo de Cinema Queer Norte-Americano  
*The Watermelon Woman* (EUA, 1996, 90'), de Cheryl Dunye

**sexta-feira, 18 março, 21h30**

**Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas**

*Mala Noche* (EUA, 1985, 78'), de Gus Van Sant

**sábado, 19 março, 18h30**

**Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas**

*Wojnarowicz: F\*\*k You F\*ggot F\*\*ker* (EUA, 2020, 105'),  
de Chris McKim  
+ Conversa gravada online com Chris McKim e Wendy Olsoff

**sábado, 19 março, 21h30**

**Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas**

*My Own Private Idaho* (EUA, 1991, 104'), de Gus Van Sant

**domingo, 20 março, 15h00**

**Teatro Ribeiragrandense**

*Andy Warhol: A Documentary Film* (Episode 1: Raggedy Andy, EUA, 2006,  
120'), de Ric Burns

**domingo, 20 março, 18h00**

**Teatro Ribeiragrandense**

*Andy Warhol: A Documentary Film* (Episode 2: Drella, EUA, 2006, 120'),  
de Ric Burns



# Queer Açores ciclo de cinema queer norte-americano

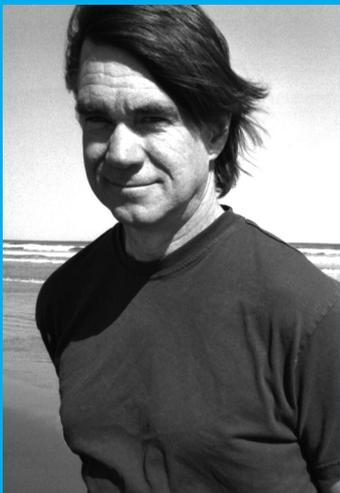
## Apresentação

Numa parceria com o Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas e o Teatro Ribeiragrandense, e com o apoio da Embaixada dos Estados Unidos da América em Portugal, o Queer Lisboa apresenta, na Ribeira Grande, um ciclo de cinema queer norte-americano que pretende ilustrar a importância do cinema deste país num contexto mais global da cultura e do ativismo queer. Os filmes integrantes desta mostra fizeram na sua quase totalidade parte da programação da edição do 25.º aniversário do Queer Lisboa - Festival Internacional de Cinema Queer, que se celebrou em setembro de 2021, edição que dedicou uma retrospectiva ao cineasta Gus Van Sant, na Cinemateca Portuguesa, com a sua presença em Lisboa.

Se, por um lado, o cinema independente norte-americano tem sido um palco privilegiado para a construção de narrativas e estéticas queer - mais notavelmente com o movimento New Queer Cinema -, por outro, tem sido extensa a produção de documentários que resgatam as histórias LGBTQI+ e que nos dão a conhecer as realidades e problemáticas contemporâneas destas mesmas comunidades.

Os filmes aqui apresentados na Ribeira Grande pretendem dar a conhecer algum deste cinema, com destaque para a presença da obra de Van Sant, pioneira do New Queer Cinema e que abriu caminho ao trabalho de tantos outros cineastas, como o foi o caso de Cheryl Dunye, de quem apresentamos o já clássico *The Watermelon Woman*. Nos documentários, duas obras recentes, *Cured* e *Wojnarowicz: F\*\*k You F\*ggot F\*\*ker*, são um olhar ao passado dessa história LGBTQI+ e que servem de reflexão, hoje, sobre temas tão importantes como a saúde mental e o VIH/sida. A fechar o ciclo, oportunidade rara de ver em sala o documentário *Andy Warhol: A Documentary Film*, que nos oferece uma perspetiva única do legado de Warhol nas artes visuais e no cinema independente norte-americano da segunda metade do século XX, assim como a importância central que teve na cultura queer.

# Gus Van Sant



Quando Gus Van Sant (Louisville, Kentucky, EUA, 1952) estreia a sua primeira longa-metragem, *Mala Noche*, em 1985, os EUA e o mundo vivem a eclosão da epidemia do VIH/sida, com o massacre e estigma que lhe conhecemos, e uma repercussão particular nas comunidades queer, nas suas vidas, na sua produção cultural. Levou alguns anos para que críticos, espectadores, académicos percebessem o impacto que este singular objeto cinematográfico viria a ter na história do cinema independente e adquirisse o epíteto de obra inaugural do que viria a designar-se por New Queer Cinema. Numa década em que o corpo do sujeito gay é percecionado como doente e as suas práticas sexuais vítimas de um discurso moralizador, *Mala Noche* é uma ode à vida desse corpo, uma celebração da sua sexualidade, do seu poder dissidente. Num período em que começa a proliferar um cinema de cunho mais *mainstream* feito por homossexuais que visa “normativizar” as vidas queer, procurando a sua aceitação por parte do mundo heteronormativo - numa compreensível (nas circunstâncias da época) procura de “limpar” a imagem das vidas queer -, Van Sant navega num sentido oposto. *Mala Noche* é sobre o prazer sexual, a ausência de culpa,

o poder da não-pertença. E foi esta a via do New Queer Cinema a que assistimos nos anos seguintes na obra de realizadores como Tom Kalin, Rose Troche, Gregg Araki, Todd Haynes ou Cheryl Dunye.

Mas não só do “político” vive esta primeira obra de Van Sant. Nela encontramos esboços estéticos e narrativos que o realizador virá a explorar e desenvolver em filmes futuros. Com formação em pintura e em cinema, Van Sant foi fortemente influenciado pelo cinema experimental dos anos 1960. Um cinema liberto dos cânones clássicos, que se descobre numa nova linguagem e traz para si um conjunto de outras expressões artísticas. O cinema de Van Sant será sempre marcado por esta experimentação com a imagem, por um carácter “pictórico” que não necessariamente aquele da imagem em movimento, mas antes o da pintura ou da fotografia.

Depois há a forma como Van Sant encara a narrativa. Se em obras como *Good Will Hunting* (1997) ou *Milk* (2008) estamos perante um cânone narrativo mais clássico, filmes como *Gerry* (2002), *Elephant* (2003) ou o mais recente *Ouverture of Something that Never Ended* (2020) “implicam” o espectador de modo mais desafiante - cabe-nos a nós dar-lhes um sentido. Se estes são exemplos mais óbvios de uma experimentação narrativa, em filmes como *My Own Private Idaho* (1991) ou *Drugstore Cowboy* (1989), Van Sant já jogara com a disrupção narrativa - o curso cronológico intercalado por imagens aparentemente incongruentes, o desfasamento da própria cronologia. Uma rutura, uma pausa, um respirar, para nos perdermos e voltarmos então de novo à narrativa, de novo desarmados.

Por fim, há uma experimentação que o realizador entrega também aos seus atores, abrindo-lhes espaço de improvisação e criação dramaturgica. Aqui é particularmente notória, nas suas primeiras obras, uma negação do psicologismo stanislavskiano. São personagens sem um passado (e sem grande projeção no futuro), personagens do momento presente, figuras sem referência parental, social - veja-se o *Mala Noche*, *Drugstore Cowboy* ou *My Own Private Idaho*. Depois há a forma como Van Sant encara a questão da moralidade. E para explorar essa questão, que terreno mais fértil que aquele da adolescência? Em *Elephant*, ao realizador não lhe interessa perceber as motivações que levam aqueles miúdos a cometer o massacre. As personagens são aqui, e em obras como *Paranoid Park* (2007) ou *Gerry*, a incorporação de uma certa dispersão da realidade - às vezes ao ponto da alienação, outras mais próximas do nihilismo. São figuras efémeras. Personagens temporárias em espaços de passagem. Entre uma coisa e outra, entre o presente e lugar nenhum.

2020 - Overture of Something that Never Ended (Longa-Metragem de Ficção)  
2018 - Don't Worry, He Won't Get Far on Foot (Longa-Metragem de Ficção)  
2015 - Sea of Trees (Longa-Metragem de Ficção)  
2012 - Promised Land (Longa-Metragem de Ficção)  
2011 - Restless (Longa-Metragem de Ficção)  
2008 - Mansion on the Hill (Curta-Metragem de Ficção)  
2008 - Milk (Longa-Metragem de Ficção)  
2007 - First Kiss (Curta-Metragem de Ficção)  
2007 - Paranoid Park (Longa-Metragem de Ficção)  
2006 - I've arrondissement, le Marais (Curta-Metragem de Ficção)  
2005 - Last Days (Longa-Metragem de Ficção)  
2003 - Elephant (Longa-Metragem de Ficção)  
2002 - Gerry (Longa-Metragem de Ficção)  
2001 - Smoking Man (Curta-Metragem de Ficção)  
2000 - DeWitt Clinton Choir (Curta-Metragem de Ficção)  
2000 - Easter (Curta-Metragem de Ficção)  
2000 - Finding Forrester (Longa-Metragem de Ficção)  
1998 - Psycho (Longa-Metragem de Ficção)  
1997 - Good Will Hunting (Longa-Metragem de Ficção)  
1997 - Ballad of the Skeletons (Curta-Metragem de Ficção)  
1995 - To Die For (Longa-Metragem de Ficção)  
1994 - Even Cowgirls Get the Blues (Longa-Metragem de Ficção)  
1991 - A Thanksgiving Prayer (Curta-Metragem de Ficção)  
1991 - Flea Sings (Curta-Metragem de Ficção)  
1991 - My Own Private Idaho (Longa-Metragem de Ficção)  
1989 - Five Naked Boys and a Gun (Curta-Metragem de Ficção)  
1989 - Drugstore Cowboy (Longa-Metragem de Ficção)  
1988 - Junior (Curta-Metragem de Ficção)  
1987 - Ken Death Gets Out of Jail (Curta-Metragem de Ficção)  
1986 - Five Ways to Kill Yourself (Curta-Metragem de Ficção)  
1985 - Mala Noche (Longa-Metragem de Ficção)  
1985 - Switzerland (Curta-Metragem de Ficção)  
1984 - My New Friend (Curta-Metragem de Ficção)  
1983 - Nightmare Typhoon (Curta-Metragem de Ficção)  
1982 - Where'd She Go? (Curta-Metragem de Ficção)  
1982 - My Friend (Curta-Metragem de Ficção)  
1979 - Fly Flame (Curta-Metragem de Ficção)  
1979 - Pure Color (Curta-Metragem de Ficção)  
1979 - Alice in Hollywood (Longa-Metragem de Ficção)  
1978 - The Discipline of D.E (Curta-Metragem de Ficção)  
1975 - Late Morning Star (Curta-Metragem de Ficção)  
1973 - Plan for Pleasant Living (Curta-Metragem Experimental)  
1973 - ½ of a Telephone Conversation (Curta-Metragem de Ficção)  
1972 - Little Johnny (Curta-Metragem de Ficção)  
1971 - The Happy Organ (Curta-Metragem de Ficção)  
1967 - Fun with a Bloodroot (Curta-Metragem de Animação)

# Cured

Quinta-feira 17 - Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas, 18h30

## Realização

Patrick Sammon, Bennett Singer

EUA, 2020, 80'

Documentário, Cor e Preto & Branco  
v. o. inglesa, legendada em português  
M/16

Guião: Patrick Sammon, Bennett Singer

Montagem: Steve Heffner

Fotografia: Sam Henriques

Som: Evan Benjamin

Produção: Patrick Sammon, Bennett Singer

Com: Harry Adamson, Gary Alinder, Robert Campbell, Irving Bieber, Sally Duplaix, John Fryer

[www.thefilmcollaborative.org](http://www.thefilmcollaborative.org)



Doentes mentais. Desviados. Enfermos. Com necessidade urgente de cura. Estes foram alguns dos termos que os psiquiatras usaram para descrever lésbicas e gays nas décadas de 1950, 60 e início de 70. De acordo com as instituições médicas, todo o sujeito gay sofria de um transtorno mental. E enquanto lésbicas e gays estivessem “doentes”, o caminho em direção à igualdade seria impossível. *Cured* narra a batalha travada por um grupo de ativistas pioneiros - a Mattachine Society e as Daughters of Bilitis -, que declarou guerra a uma instituição inabalável, e que obteve uma vitória crucial no movimento moderno pela igualdade LGBTQI+. Além de um retrato da importância destes movimentos, *Cured* serve também de mote para uma reflexão à volta das questões da saúde mental - são hoje ainda muitos os preconceitos clínicos em relação a indivíduos queer e há questões de saúde mental específicas destas comunidades que precisam ser urgentemente encaradas.

\*o documentário é seguido de um debate sobre saúde mental e comunidade LGBTQI+, com a participação de Joana Amen, Psicóloga Clínica do (A)MAR - Açores pela Diversidade, e Mariana Bettencourt, Psiquiatra no Hospital Divino Espírito Santo.

# The Watermelon Woman

Sexta-feira 18 - Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas, 18h30

**Realização**  
Cheryl Dunye

EUA, 1996, 90'

Ficção, Cor

v. o. inglesa, legendada em português

M/16

**Guião:** Cheryl Dunye

**Montagem:** Annie Taylor

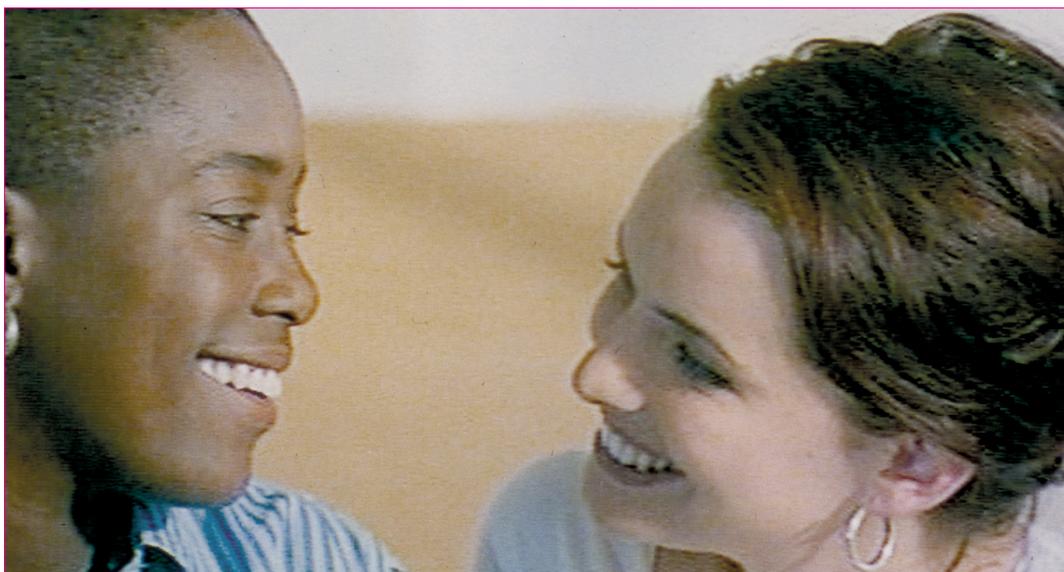
**Fotografia:** Michelle Crenshaw

**Som:** Jack A. Mehlbaum

**Produção:** Barry Swimar, Alexandra Juhasz

**Intérpretes:** Cheryl Dunye, Guinevere Turner, Valerie Walker, Lisa Marie Bronson

[www.firstrunfeatures.com](http://www.firstrunfeatures.com)



Cheryl é uma lésbica negra de vinte e poucos anos que está a fazer um documentário sobre Fae Richards, uma bela e esquiva atriz de cinema negra dos anos 1930 popularmente conhecida como "a Mulher Melancia". Enquanto descobre o significado da vida de Fae Richards, a vida pessoal da Cheryl dá uma reviravolta total. O seu namoro com Diana, uma atraente mulher branca, e as suas interações com as comunidades gay e negra, são objeto de críticas cómicas, mas mordazes, por parte da sua melhor amiga, Tamara. Entretanto, cada resposta que Cheryl descobre sobre a Mulher Melancia evoca novos questionamentos sobre ela mesma e sobre o seu futuro. Nascida na Libéria em 1966 e nacionalizada norte-americana, Cheryl Dunye assina esta sua primeira longa-metragem em 1996, assumindo-se desde logo como uma das realizadoras centrais do New Queer Cinema, realizando títulos como *The Owls* (2010) ou *Mommy is Coming* (2012), estando mais recentemente ligada à televisão. Realizadora, produtora, argumentista, montadora e atriz, e uma voz ativa no ativismo LGBTQI+, Dunye é vice-presidente do Conselho de Realizadores do Queer Cultural Center, faz parte do conselho da Radar Productions e do conselho do Queer Women of Color Media Arts Project. Residente em Oakland, Dunye é professora assistente no Departamento de Cinema da Universidade de São Francisco.

# Mala Noche

Sexta-feira 18 - Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas, 21h30

## Realização

Gus Van Sant

EUA, 1985, 78'

Ficção, Cor e Preto & Branco

v. o. inglesa e espanhola, legendada em inglês

M/16

**Guião:** Gus Van Sant, Walt Curtis (a partir do romance homónimo de Walt Curtis, de 1977)

**Montagem:** Gus Van Sant

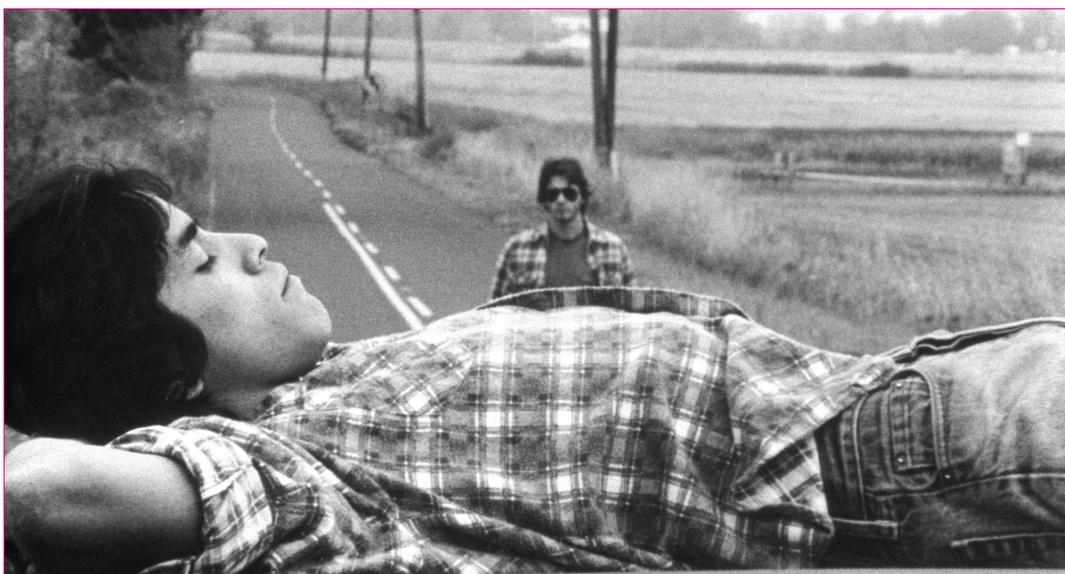
**Fotografia:** John J. Campbell

**Som:** Pat Baum, Eric Hill

**Produção:** Gus Van Sant

**Intérpretes:** Tim Streeter, Doug Cooney, Ray Monge, Sam Downey, Nyla McCarthy

[www.mk2films.com](http://www.mk2films.com)



Walt é um solitário vendedor de uma loja de conveniência que se apaixona por um trabalhador migrante mexicano chamado Johnny. Embora tenha pouco em comum com o ambivalente objeto dos seus afetos, o seu desejo de possuir Johnny provoca um despertar sexual que dará lugar a encontros às escondidas e a um emaranhado triângulo amoroso. Com uma estética de baixo custo e um uso exuberante do preto & branco, a estreia de Gus Van Sant na realização revelou ao mundo uma idiossincrática e provocadora nova voz no cinema independente norte-americano. Rodado em Portland, no Oregon, a cidade onde Van Sant cresceu, o filme convoca um universo de trabalhadores precários, vagantes sem rumo certo, bares e apartamentos de fim de linha, mergulhados na noite escura, ao mesmo tempo em que segue esta história de amor e desejo. *Mala Noche* foi o mais relevante prelúdio ao movimento New Queer Cinema da década de 1990 e constitui ainda hoje uma fascinante cápsula do tempo que assombrou para sempre a obra de Van Sant.

# Wojnarowicz: F\*\*k You F\*ggot F\*\*ker

sábado 19 - Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas, 18h30

Realização  
Chris McKim

EUA, 2020, 105'  
Documentário, Cor  
v. o. inglesa, legendada em português  
M/16

Montagem: Dave Stanke

Fotografia: Jake Clennell

Música: 3 Teens Kill 4

Produção: Fenton Bailey, Randy Barbato, Chris McKim

Com: David Wojnarowicz, Alan Barrows, Nan Goldin, Peter Hujar, Stephen Koch, Fran Lebowitz

[www.cineticmedia.com](http://www.cineticmedia.com)



Um admirável retrato autobiográfico do artista, escritor, fotógrafo e ativista nova-iorquino, David Wojnarowicz. Num período em que Nova Iorque se torna no epicentro da epidemia da sida nos anos 80, Wojnarowicz empunha a sua arte como uma arma, declarando guerra à indiferença institucional perante a epidemia, até à sua morte em 1992, com 37 anos. O documentário dá-nos acesso à sua brilhante obra, onde se incluem pinturas, diários e filmes, que nos revelam a forma como o artista esvaziou a sua vida na sua arte e ativismo. As gravações telefónicas e depoimentos íntimos de figuras como Fran Lebowitz, Gracie Mansion, Peter Hujar e outros familiares e amigos, ajudam a traçar um retrato aguçado de um artista cujo trabalho e palavras ainda ressoam nestes tempos turbulentos.

\*o documentário é seguido de uma conversa gravada entre João Ferreira, o realizador Chris McKim, e Wendy Olsoff, cofundadora da PPOW Gallery de Nova Iorque, que representa a obra de David Wojnarowicz

# My Own Private Idaho

sábado 19 - Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas, 21h30

Realização  
Gus Van Sant

EUA, 1991, 104'

Ficção, Cor

v. o. inglesa, italiana e alemã, legendada em inglês  
M/16

Guião: Gus Van Sant

Montagem: Curtiss Clayton

Fotografia: John Campbell, Eric Alan Edwards

Som: Peter Appleton, Michael F. Newman, Patrick Winters

Produção: Laurie Parker, Allan Mindel

Intérpretes: River Phoenix, Keanu Reeves, James Russo, Richard Waters, Grace Zabriskie, Udo Kier

[www.parkcircus.com](http://www.parkcircus.com)



© 1991 WBEI

Peça central do movimento New Queer Cinema, a terceira longa-metragem de Gus Van Sant, *My Own Private Idaho*, é uma livre adaptação do *Henrique IV*, Partes 1 & 2, de Shakespeare. River Phoenix e Keanu Reeves protagonizam esta assombrosa e bizarra história de dois jovens trabalhadores do sexo: Mike Waters, um sensível narcoléptico que sonha com a mãe que o abandonou, e Scott Favor, o filho rebelde do presidente da câmara de Portland que conta os dias até ao seu 21.º aniversário, data em que terá acesso à sua herança - personagem que cita diretamente o Prince Hal, de Shakespeare. Scott é também o objeto de desejo de Mike. Juntos, eles navegam um mundo de toxicodependentes, ladrões e clientes à procura de sexo. Ao longo do caminho, prostituem-se em troca de dinheiro e drogas, acabando por atrair a atenção de um abastado e sexualmente perverso benfeitor. Mike leva Scott pela mão através dos becos e vielas deste submundo, até às paisagens abertas do Pacific Northwest norte-americano, desembocando, por fim, em Itália onde Mike espera encontrar a sua mãe, e regressando de novo aos Estados Unidos, numa constante procura de um lugar a que possam chamar de seu. Visualmente surpreendente e com uma narrativa particularmente desafiante, *My Own Private Idaho* é uma comovente história de um amor nunca correspondido e uma ode a todos aqueles que habitam as margens das nossas sociedades.

# Andy Warhol: A Documentary Film

domingo 20 - Teatro Ribeiragrandense, 15h00 - Ep. 1: Raggedy Andy

domingo 20 - Teatro Ribeiragrandense, 18h00 - Ep. 2: Drella

## Realização

Ric Burns

EUA, 2006, 240'

Documentário, Cor e Preto & Branco

v. o. inglesa, s/ legendas

M/16

Guião: Ric Burns, James Sanders

Montagem: Juliana Parroni, Li-Shin Yu

Fotografia: Buddy Squires, Peter Nelson, Allen Moore, Michael Chin, Don Lenzer

Som: Mark Mandler, John Zecca

Produção: Donald Rosenfeld, Daniel Wolf, Ric Burns

Com: Laurie Anderson, Salvador Dalí, Candy Darling, Susan Sontag, Pat Hackett, Jeff Koons

[www.ricburns.com](http://www.ricburns.com)



Originalmente produzido para a série *American Masters*, da PBS, canal televisivo público norte-americano, este documentário recorre ao extenso legado de documentos visuais de Andy Warhol, de forma a reconstituir a sua vida e a sua brilhante carreira enquanto defensor do mundo da arte e da cultura, assim como da subcultura *underground*. O extenso material de arquivo serve também para relatar a história da cultura americana dos anos 1950 aos anos 1970, quando a Factory se tornou no epicentro da arte contemporânea americana e da cultura pop. Descrito aquando da sua estreia em sala, em 2006, pelo *The New York Times* como uma “hagiografia”, no sentido em que eleva Warhol ao estatuto de maior artista da segunda metade do século XX, glorificando o seu génio, *Andy Warhol: A Documentary Film* é narrado por Laurie Anderson e um objeto único que nos dá a dimensão do universo Warholiano e do quão determinante foi a sua obra para as artes visuais, para o cinema, e para a cultura queer em particular.

# Bad Boys and Wild Girls

João Ferreira

\*texto originalmente publicado no catálogo da 2.ª edição do Queer Porto - Festival Internacional de Cinema Queer, em 2016, a propósito da retrospectiva do New Queer Cinema

Walt e Johnny, Broom e Bolton, Luke e Jon, “Dickie” e “Babe”, Max e Ely, Cheryl e Diana não são os habituais heróis da narrativa cinematográfica. São prostitutas, violadores, assassinos, ninfomaníacos, ativistas. E são alguns dos rostos que mudaram o rumo do cinema independente norte-americano e encheram o imaginário de muitos espectadores. São os rostos de uma revolução cultural a larga escala e de uma revolução política. Uma revolução com nome, data e consequências até aos dias de hoje.

O New Queer Cinema surge, cunhado com esse nome, no início da década de 1990, a propósito de uma “nova vaga” de filmes apresentados no Festival de Sundance, que chamaram a atenção da crítica. A ensaísta norte-americana, B. Ruby Rich, cunhou de “New Queer Cinema” o que parecia ser um movimento em formação, num famoso artigo publicado na *Sight & Sound*. Estas novas propostas, que viriam mesmo a originar um movimento maior, com forte expressão até aos dias de hoje, romperam com uma longa linhagem de representações de personagens queer, não apenas durante as décadas opressoras do Código Hays em Hollywood, mas do próprio chamado “cinema gay” da década de 1980. Se no cinema da idade de ouro, as personagens queer estavam proibidas de expressar a sua sexualidade e eram frequentemente representadas como doentes, marginais, ou simplesmente ausentes (veja-se a grande maioria das adaptações ao cinema dos anos 1940 e 50 do teatro de Tennessee Williams); e o “cinema gay”, muito por uma atitude política - salutar, aliás -, procurou construir uma imagem “positiva” dos indivíduos queer, em plena eclosão da epidemia da sida (vejam-se filmes como *Longtime Companion* ou *Torch Song Trilogy*), o New Queer Cinema vem subverter uma certa ideia de igualdade e de integração: que as personagens queer são tão complexas como todas as outras, ou seja, longe do binário do bom e do mau.

Tal como qualquer movimento artístico ou revolução cultural, o New Queer Cinema tem as suas raízes, tem fortes alicerces e uma linhagem da qual foi beber e sobre a qual se constituiu como um expoente. O cinema marginal de realizadores como Kenneth Anger, Jack Smith ou Andy Warhol, entre inúmeros outros, já apontavam para esta complexificação das personagens queer; sem esquecer a frequentemente maltratada herança da pornografia gay de realizadores como Bob Mizer, Wakefield Poole ou Avery Willard, que nos ensinaram que o desejo entre homens é positivo e que a sua sexualidade deve ser vivida. Estes muitos cinemas também nos deram rostos (embora na sua maioria sem nome), que constituíram uma história da cultura e do cinema queer, e salvaram muitos espectadores do isolamento e incompreensão da sua própria sexualidade.

Se o espírito, mas também os dispositivos narrativos e estéticos do New Queer Cinema, não são totalmente novos, mas reinventados sobre esta história, há um filme que podemos definir como inaugural deste movimento.

*Mala Noche*, primeira longa-metragem de Gus Van Sant, estreada em 1986, faz adivinhar, cinco anos antes, o que está para vir nas edições do Festival de Sundance de 1991 e 1992. Rodado a preto e branco (à exceção de um *insert* de câmara amadora, a cores, rodada dentro da ficção), o filme é narrado por Walt (Tim Streeter), dono de uma mercearia em Portland, no Oregon, que vê passar pela sua loja jovens imigrantes clandestinos, vindos do México. Se a narração de

Walt é remanescente da *spoken word* dos vários registos deixados pelos poetas beat, o trabalho de câmara e a fotografia são evocativos da tradição do cinema independente americano. Walt rapidamente cai de amores por Johnny (Doug Cooney), mas a forma mais fácil de chegar a ele é através de Roberto (Ray Monge), mais disponível a vender o corpo por dinheiro. Eventualmente, os três partem juntos numa *road trip*, onde Van Sant faz uso deste bizarro triângulo - que pouco tem de amoroso -, para explorar narrativamente a subversão dos papéis de poder tradicionais do "branco" sobre o "outro": Walt faz de cão, de joelhos frente a Roberto e Johnny; e deixa-se penetrar por Roberto. Mas Walt está para além de noções de hierarquia, ao afirmar que os seus desejos sexuais não são nada estereotipados. Roberto acaba assassinado pela polícia e Johnny deportado, regressando depois a Portland para abandonar Walt de novo. Van Sant subverte a expectativa de final feliz, o que nos poderia fazer pensar tratar-se de um retrocesso ao dispositivo narrativo da impossibilidade de amor entre homens. Mas, pelo contrário, Walt vive em pleno o seu desejo e a sua sexualidade, e a sua procura por esse desejo faz dele uma personagem feliz. Walt é um novo paradigma queer.

Vencedor do Grande Prémio do Júri de Sundance em 1991, *Poison* é também a primeira longa-metragem de Todd Haynes, e ficou para sempre como um dos filmes que deu origem ao New Queer Cinema, ao lado de *My Own Private Idaho*, de Gus Van Sant, e de *Paris is Burning*, de Jennie Livingston, vencedor do Prémio de Melhor Documentário nesse mesmo ano em Sundance. *Poison* recupera os escritos e o imaginário de uma figura maior (e maldita) da cultura queer, o escritor Jean Genet, nomeadamente *O Milagre da Rosa*, *Nossa Senhora das Flores* e *Diário de um Ladrão*. O filme cruza três diferentes histórias, filmadas em registos estilisticamente diversos. *Hero*, rodado a cores, é a história de Richie Beacon, um miúdo de sete anos que assassina o pai quando este agride a sua mãe, e que desaparecera desde então da sua casa de Long Island. A história é apresentada sob a forma de falso documentário televisivo, com depoimentos de "especialistas", vizinhos e família, centrando-se no relato da mãe, Felicia Beacon (Edith Meeks), que afirma ter visto o filho levantar voo pela janela, após o crime. *Horror*, rodado a preto e branco, recupera a estética do cinema de terror dos anos 1950. O Dr. Thomas Graves (Larry Maxwell) afirma ter descoberto o elixir do "desejo sexual", poção essa que toma por engano, transformando-o num perigoso leproso que contamina toda a cidade. Explorando paralelamente a paixão que a sua assistente, a Dra. Nancy Olsen (Susan Gayle Norman) tem por Graves, é inevitável ler esta história como uma alegoria à epidemia da sida - alegoria que Haynes recupera na sua obra prima, *Safe*, de 1995. Por fim, intimamente ligado ao universo de Genet, em que o sexo e a violência andam de mãos dadas e a violência atinge um estatuto poético, *Homo* é uma citação direta a *O Milagre da Rosa* e ao filme *Un Chant d'Amour* (1950), do autor francês. Quando pensamos em *Poison*, são seguramente as cores saturadas e a carga sexual homoerótica deste segmento que nos vêm à memória. John Broom (Scott Renderer, interpretado em novo por Tony Pemberton) e Jack Bolton (James Lyons, interpretado em novo por Andrew Harpending) conheceram-se num reformatório - onde havia mesmo sido simulado um casamento entre ambos -, e, anos depois, voltam a encontrar-se na cadeia. No reformatório, Bolton havia sido vítima de um perverso jogo em que os colegas lhe cospem na boca, naquela que é uma das sequências mais belas deste filme. *Homo* explora os perigosos e violentos jogos sexuais entre homens na cadeia e a ligação entre Broom e Bolton, até à consumação do ato sexual entre ambos e a inevitável morte de Bolton. "Love comes slyly, like a thief", como é referido no filme. *The Living End*, terceira longa-metragem de Gregg Araki, um *road-movie* delirante, que em

muito deve ao universo do cineasta John Waters, é a primeira obra deste movimento a trazer para primeiro plano o tema da sida. Jon (Craig Gilmore) está numa clínica onde é diagnosticado como VIH-positivo. Entretanto, Luke (Mike Dytri) apanha boleia de duas fanáticas religiosas que o querem matar. Luke consegue escapar, ficando-lhes com o carro e arma. Quando fica apeado na estrada e tem de se proteger de três bandidos, a arma revela-se útil. É aí que apanha boleia de Jon, que o leva para casa, dando-se início à história de amor entre ambos. Jon diz a Luke que é seropositivo, ao que este responde: “welcome to the club, partner.” Uma afirmação que, desde logo, significa uma alteração no tratamento desta temática no cinema queer, ao enfatizar a sexualidade acesa dos corpos dos dois homens, longe de estarem marcados pela doença, longe do estigma. Aliás, num determinado momento, Luke corta os pulsos, apenas para fazer a observação de que não encontra nada de estranho no seu sangue. Luke, que ainda assim sente ter uma sentença de morte sobre a cabeça, entra numa espiral homicida, convencendo Jon a fugir com ele, estrada fora. No duche do quarto de motel, Luke pede a Jon que o penetre, Jon diz não ter ali um preservativo, ao que Luke responde que não se importa. *The Living End* é absolutamente inovador e subversivo na forma como sexualiza a própria morte, abrindo novas janelas sobre a representação do tema da sida no cinema.

Em 1924, em Chicago, Nathan Leopold, Jr. e Richard Loeb, dois ricos estudantes universitários, raptam e matam Robert Franks, de 14 anos, com o intuito de cometer o crime perfeito e provar a sua superioridade intelectual. Leopold e Loeb eram também amantes. Esta mediática história deu origem à peça de teatro *Rope* (1929), do dramaturgo britânico Patrick Hamilton, que por sua vez serviu de base ao argumento do filme homónimo de Alfred Hitchcock, de 1948. Se no filme de Hitchcock apenas podemos adivinhar a relação amorosa entre os dois protagonistas, em 1992, Tom Kalin faz dessa relação o centro dramático da sua primeira longa-metragem, *Swoon*. Kalin revisita aqui um episódio que nenhum artista ou ativista queer quereria recordar, precisamente pela carga negativa dada à questão da homossexualidade. Kalin assina uma obra formalmente irrepreensível, explorando ao máximo as densidades tonais do preto e branco, expondo os corpos de Nathan Leopold Jr. (Craig Chester) e Richard Loeb (Daniel Schlachet) como objetos de desejo, um ao outro e aos olhos do espectador. Com base no conceito nietzschiano do *Übermensch*, Nathan e Richard - ou “Babe” e “Dickie”, como carinhosamente se tratam -, procuram superar-se a si mesmos, criando o crime perfeito. Mas um par de erros fatais e uma falha em fazer coincidir alibis, leva-os ao banco dos réus, onde são condenados a prisão perpétua. Além de formalmente inventivo, Kalin consegue, no argumento, tirar partido das muitas nuances que a questão sexual levantou durante o processo - a relevância de Nathan ser ativo na relação ou a insistência por parte da acusação de que Robert Franks fora sodomizado -, fazendo de *Swoon*, hoje, além de um dos títulos mais transgressores do New Queer Cinema, um raro documento histórico.

Se é verdade que a abordagem a histórias protagonizadas por personagens lésbicas - e contadas por realizadoras mulheres -, tardou a entrar no movimento, é de realçar que quando tal acontece foi com um fôlego e espírito de transgressão artística e de libertação de regras e imposições sociais (não raras vezes vindas de dentro das próprias comunidades LGBT), que valeu a pena, não apenas esperar pelas obras que haviam de surgir, como ver a sua influência no cinema e na ficção televisiva das décadas seguintes.

Desde 2002 quase exclusivamente dedicada à televisão, onde assinou a realização de episódios de séries inovadoras como *Six Feet Under* (2001-2005) ou *The L Word* (2004-2009), Rose Troche realizou a sua primeira longa-metragem, *Go Fish*, em 1994, rapidamente tornada um

filme de culto. O filme quer dar um retrato da realidade das comunidades lésbicas urbanas dos anos 1990, sem preconceitos e desmistificando um conjunto de estereótipos; ou antes, ironicamente trazendo esses estereótipos para dentro da ficção, apropriando-se deles e tirando daí a sua força, numa atitude de *guerrilla* queer. Max (Guinevere Turner), partilha casa com o casal Kia (T. Wendy McMillan) e Ely (Migdalia Melendez) e não tem sexo há 10 meses. Max conhece então Ely (V.S. Brodie), mas esta tem uma namorada em Seattle. O filme acompanha a relação de ambas, até culminar num jantar romântico onde por fim fazem sexo. A par do que podemos definir como uma história de amor lésbica “positiva” (que até então muito poucas vezes se viu no ecrã), Troche acompanha as preocupações políticas dos realizadores deste movimento: o filme abre com uma palestra sobre História Lésbica e quando Max e Ely vão ao cinema, falam sobre cinema queer e sobre a falta de representatividade de lésbicas no grande ecrã. De destacar igualmente um estilo quase-documental de câmara ao obro, intercalado, entre cenas, por *inserts* de um gosto mais experimental e poético. Particularmente bem conseguida é a ideia da criação de um “coro grego” de lésbicas que, a tempos, comenta a vida amorosa de Max, dando o tom humorístico ao filme; humor esse que, aliás, vai ser uma característica dominante de muita da ficção lésbica dos anos seguintes.

Recentemente restaurada e digitalizada, faz agora 25 anos sobre a estreia de *The Watermelon Woman*, de Cheryl Dunye (1996), uma obra ainda hoje ímpar no panorama do cinema queer e não apenas pelo facto de ser realizada por uma mulher negra e lésbica. A própria Dunye interpreta Cheryl, evidente *alter ego* da realizadora. Cheryl trabalha num clube de vídeo em Filadélfia e ambiciona ser realizadora. A seu lado, trabalha Tamara (Valarie Walker) - negra, viciada em “black porn” e que a dada altura consegue comprar um filme de nome *Bold Black Ballbusters* -, responsável por alguns dos momentos cómicos mais bem conseguidos do filme. Na loja conhece Diana (Guinevere Turner), com quem acaba por se envolver emocional e sexualmente. Se a narrativa progride, acompanhando a evolução da relação de Cheryl e Diane, com os constantes *comic reliefs* de Tamara, o objetivo dramático de *The Watermelon Woman* é bastante mais arrojado e inovador. Cheryl tem em mãos o projeto de resgatar a memória de uma atriz negra, Fae Richards (conhecida como a “Watermelon Woman”) que interpretou uma *mammy* de nome Elsie num filme chamado *Plantation Memories* (uma das *mammies* mais célebres de Hollywood foi interpretada por Hattie McDaniel, em *Gone with the Wind*). Dunye explora um estilo de falso documentário que virá a desenvolver ao longo da sua carreira, com os atores a confrontar diretamente a câmara. Mas a “Watermelon Woman” não existe, é um artifício ficcional que Dunye cria para poder falar sobre a falta de representatividade de mulheres negras no cinema, e sobre uma cinematografia largamente desconhecida - que funcionou à margem da indústria -, de filmes feitos por negros, com elencos exclusivamente de atores negros e para espectadores negros, que teve grande impacto nos EUA entre os anos 1920 e 1950. Tal como aconteceu durante décadas com as personagens queer, a história da representação de negros no cinema foi, quase sempre, a de uma visão heterossexual, branca e masculina, sobre uma minoria. Uma representação que diz sempre muito mais sobre quem a idealiza do que sobre quem representa. Daí que, como diz a citação da própria Dunye, que fecha o filme, “Sometimes you have to create your own history.”



# Ficha Técnica

## QUEER LISBOA

Festival Internacional de Cinema Queer

### Diretor Artístico

João Ferreira

### Programadores

Constança Carvalho Homem, Cristian Rodríguez, Daniel Pinheiro, João Ferreira

### Direção

Cristian Rodríguez, João Ferreira

### Produção

Cristian Rodríguez, Daniel Pinheiro

### Consultoria

António Fernando Cascais

### Movimento de Cópias

Daniel Pinheiro

### Hospitalidade

Cristian Rodríguez

### Imprensa, Comunicação e Redes Sociais

João Viegas (Estágio IIEFP)

### Design Gráfico

Ivo Valadares

### Website

João Pascoal Studio, After You

### Tradução Legendagens

All-in Global, Ana Catarina Carreto, Ana David, Cláudia Pinto, Joana Malta Gomes

### Impressão

Finepaper

## INFORMAÇÕES GERAIS

### Associação Cultural Janela

#### Indiscreta

Casa do Cinema

Rua da Rosa, 277, 2.º, 1200-385 Lisboa

+ 351 91 610 69 04

info@queerlisboa.pt

www.queerlisboa.pt

Ingresso sessões Ciclo de Cinema Queer

Norte-Americano: 3€

## SECRETARIA REGIONAL DA CULTURA, DA CIÊNCIA E TRANSIÇÃO DIGITAL

### DIREÇÃO REGIONAL DA CULTURA

#### Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas

##### Diretor

João Mourão

##### Museologia

Diogo Aguiar, João Machado

##### Produção

Dalila Couto, Ricardo Botelho

##### Comunicação e Design

Bárbara Ávila Pacheco, Mariana Cordeiro

##### Audiovisual e Multimédia

Marco Machado, Marco Goulart, Ricardo Amaral, Gabriel Borzasi (Iuz), Luiz Furtado (som)

##### Museografia e Montagens

Raquel Teves, Alex Pacheco, Diogo Daniel, João Marques, João Silva

##### Serviço de Mediação

Andreia Oliveira, Beatriz Brum, Sofia Carolina Botelho

##### Biblioteca e Centro Documental

João Almeida

##### Serviços Administrativos

Joana Santos, Ricardo Oliveira

#### Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas

Rua Adolfo Coutinho de Medeiros,

s/n, 9600 - 516 Ribeira Grande,

São Miguel, Açores

+351 296 470 130

acacinfo@azores.gov.pt

arquipelagocentrodeartes.azores.gov.pt

##### horários:

Centro de Artes Contemporâneas

Terça a Domingo

10h00 às 18h00

##### Loja

Terça a Domingo

10h00 às 18h00

##### Biblioteca e Centro Documental

Terça a Sábado

10h00 às 18h00

##### Gestão Financeira

Marco Ventura, Débora Raposo

##### Loja - Livraria

Sabrina Vieira, Diogo Torres

##### Receção e Guardaria

Fabiana Correia, Filipe Simas, Helena Alves, José Paulo dos Santos, Leontina Rodrigues, Nuno Roque, Patrícia Bento, Pedro Batista, Ricardo Ferreira, Rúben Pacheco

##### Vigilância

Securitas - Serviços e Tecnologia de Segurança, S.A

##### Apoio técnico e manutenção

FIT - Fabrico de Instalações Técnicas, ISS - Facility Services

## Teatro Ribeiragrاندense

### Coordenador Técnico

André Raposo

### Técnico de Som

Emanuel Cordeiro

### Técnico de Iluminação

Tiago Correia

### Diretor de Cena

António Ponte

### Entrada de Sala

Manuel Ponte

### Bilheteira

Paulo Arruda

## Teatro Ribeiragrاندense

Largo 5 de Outubro, 9600-525, Ribeira

Grande, São Miguel, Açores

+ 351 296 470 340

teatroribeiragrاندense@cm-

ribeiragrande.pt

www.cm-ribeiragrande.pt

##### horários:

Dias úteis das 9h00 às 17h00

Produção



Festival apoiado por



Apoio



Parceiros de acolhimento



Colaboração

